

O papel do psicólogo no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista: Uma abordagem pela análise do comportamento aplicada

The role of the psychologist in the treatment of children with Autism Spectrum Disorder: An applied behavior analysis approach

El papel del psicólogo en el tratamiento de niños con Trastorno del Espectro Autista: Una aproximación mediante el análisis de conducta aplicado

Recebido: 04/12/2024 | Revisado: 06/12/2024 | Aceitado: 06/12/2024 | Publicado: 10/12/2024

Gabriel Almeida da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1879-7609>
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil
E-mail: gabrielpsicologia020@gmail.com

Carlos Henrique Amaral de Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0829-7848>
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil
E-mail: carlosempra77@gmail.com

Rodrigo Góes Macedo

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4330-9798>
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil
E-mail: r.goesmacedo@gmail.com

Resumo

Este estudo tem como objetivo geral analisar o papel do psicólogo no tratamento de crianças autistas, com base nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada (ABA). O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição caracterizada por dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos restritos e repetitivos, exigindo abordagens terapêuticas específicas para o desenvolvimento das habilidades da criança. A ABA é uma metodologia científica amplamente reconhecida e utilizada no tratamento de crianças com TEA, focando na modificação de comportamentos e na promoção de aprendizagens funcionais. O psicólogo, como profissional central nesse processo, desempenha um papel crucial na aplicação da ABA, criando intervenções individualizadas que visam melhorar as habilidades sociais, comunicativas e acadêmicas dos pacientes. A revisão da literatura indica que a atuação do psicólogo, em parceria com outros profissionais e a família, é fundamental para o sucesso terapêutico. Além disso, são discutidos os desafios e as possibilidades de melhoria nas práticas profissionais e nas abordagens terapêuticas, destacando a importância de uma formação contínua dos profissionais envolvidos e a necessidade de mais pesquisas que ampliem o entendimento sobre a aplicação da ABA em diferentes contextos.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Análise de comportamento aplicado; Comportamento infantil.

Abstract

The general objective of this study is to analyze the role of the psychologist in the treatment of autistic children, based on the principles of Applied Behavior Analysis (ABA). Autism Spectrum Disorder (ASD) is a condition characterized by difficulties in communication, social interaction, and restricted and repetitive behaviors, requiring specific therapeutic approaches to develop the child's skills. ABA is a scientific methodology widely recognized and used in the treatment of children with ASD, focusing on modifying behaviors and promoting functional learning. The psychologist, as a central professional in this process, plays a crucial role in the application of ABA, creating individualized interventions that aim to improve the social, communicative, and academic skills of patients. The literature review indicates that the role of the psychologist, in partnership with other professionals and the family, is fundamental for therapeutic success. Furthermore, the challenges and possibilities for improvement in professional practices and therapeutic approaches are discussed, highlighting the importance of continuous training for the professionals involved and the need for further research to broaden the understanding of the application of ABA in different contexts.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Applied behavior analysis; Child behavior.

Resumen

Este estudio tiene el objetivo general de analizar el papel del psicólogo en el tratamiento de niños autistas, basándose en los principios del Análisis Aplicado de la Conducta (ABA). El Trastorno del Espectro Autista (TEA) es una condición caracterizada por dificultades en la comunicación, la interacción social y conductas restringidas y repetitivas, que requieren enfoques terapéuticos específicos para desarrollar las habilidades del niño. ABA es una metodología científica ampliamente reconocida y utilizada en el tratamiento de niños con TEA, centrándose en modificar conductas y promover el aprendizaje funcional. El psicólogo, como profesional central en este proceso, juega un papel crucial en la aplicación de ABA, creando intervenciones individualizadas que tienen como objetivo mejorar las habilidades sociales, comunicativas y académicas de los pacientes. La revisión de la literatura indica que el trabajo del psicólogo, en colaboración con otros profesionales y la familia, es fundamental para el éxito terapéutico. Además, se discuten los desafíos y posibilidades para mejorar las prácticas profesionales y los enfoques terapéuticos, destacando la importancia de la formación continua de los profesionales involucrados y la necesidad de más investigaciones que amplíen la comprensión de la aplicación de ABA en diferentes contextos.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista; Análisis de comportamiento aplicado; Comportamiento infantil.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento neurológico, caracterizada por uma série de comportamentos que indicam disfunções na maturação do sistema nervoso central. Sua causa, em grande parte, ainda é desconhecida (Sanches, 2020). Atualmente, os critérios para diagnosticar o autismo estão centrados na presença simultânea de dificuldades no desenvolvimento das habilidades sociais, da comunicação e da imaginação, que se manifestam de diversas formas inter-relacionadas (Mahoney, 2021).

Um consenso sobre a validade do autismo como uma estratégia diagnóstica, para clínicos e pesquisadores, foi possível pela convergência de dois sistemas de classificação diagnóstica: a quinta edição da Associação Psiquiátrica Americana (APA), do Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais (DSM-V; 2014) e a décima primeira edição da Organização Mundial de Saúde (WHO) da Classificação Internacional de Doenças (CID-11, 2019). Trata-se de sistemas de base filosófica diferente. O DSM-V é um sistema focado nos sintomas, os quais posteriormente definem categorias. O CID-11 é um sistema que busca definir um único nível diagnóstico capaz de explicar os problemas do paciente.

O papel do Psicólogo no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista é multifacetado e essencial para o desenvolvimento positivo da criança. Através de avaliações precisas, intervenções terapêuticas especializadas, apoio à família e promoção da inclusão, o psicoterapeuta contribui significativamente para melhorar a qualidade de vida e promover o crescimento e a aprendizagem das crianças com TEA. A colaboração contínua entre o psicoterapeuta, a família e outros profissionais de saúde é fundamental para alcançar os melhores resultados possíveis para cada criança (Almeida, 2020).

O tratamento eficaz de crianças com TEA demanda uma compreensão profunda das nuances do transtorno, bem como uma abordagem terapêutica adaptada às necessidades específicas de cada indivíduo. O psicoterapeuta, portanto, não só ajuda a melhorar as habilidades de comunicação e interação social da criança, mas também apoia a família no processo de adaptação e entendimento das estratégias mais adequadas para o suporte contínuo.

O primeiro passo no tratamento de crianças com TEA é a avaliação e o diagnóstico precisos. De acordo Souza (2020), o psicoterapeuta é fundamental neste processo, utilizando uma combinação de entrevistas, observações e instrumentos de avaliação padronizados para compreender o perfil comportamental, emocional e cognitivo da criança. Essa avaliação inicial ajuda a identificar áreas de necessidade específica e a desenvolver um plano de tratamento personalizado.

Entre as abordagens mais comuns estão os Programas como a Análise Comportamental Aplicada (ABA) são amplamente utilizados para ensinar novas habilidades e reforçar comportamentos desejáveis. A terapia comportamental ajuda as crianças a desenvolver habilidades funcionais, como a comunicação e a interação social, por meio de reforços positivos e técnicas estruturadas.

Segundo Viana (2020), o papel do psicoterapeuta vai além da interação direta com a criança; envolve também trabalhar com a família para garantir que o ambiente familiar e escolar seja o mais propício possível para o desenvolvimento da criança. O psicoterapeuta orienta os pais sobre estratégias de manejo do comportamento, fornece apoio emocional e ajuda a desenvolver um plano de ação que envolva todos os aspectos da vida da criança.

O tratamento do TEA é um processo dinâmico que requer constante adaptação e monitoramento. O psicoterapeuta deve avaliar regularmente o progresso da criança e ajustar as intervenções conforme necessário. Isso pode incluir a modificação das técnicas terapêuticas, a introdução de novas abordagens ou a colaboração com outros profissionais de saúde para abordar questões emergentes.

Além de trabalhar com a criança e a família, o psicoterapeuta também desempenha um papel importante na promoção da inclusão escolar e social. Isso pode envolver a colaboração com professores e outros profissionais para garantir que a criança receba o suporte necessário em ambientes educacionais e sociais. O objetivo é promover um ambiente que valorize e aproveite as habilidades únicas da criança, facilitando sua integração e participação ativa na comunidade.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma doença neurológica que afeta o comportamento, a comunicação e as interações sociais. O TEA tem aumentado muito nas últimas décadas, tornando-se um problema de grande importância social e clínica. Neste caso, o papel do terapeuta é essencial para o crescimento e bem-estar dos indivíduos com autismo e suas famílias (Almeida, 2020).

A intervenção terapêutica no transtorno do espectro autista (TEA) é desafiadora e requer um conhecimento profundo das características do distúrbio.

O terapeuta também ajuda as famílias a lidar com as rotinas diárias e melhorar a qualidade de vida. Ao examinar a literatura científica e práticas clínicas atuais, este trabalho visa descobrir os métodos terapêuticos mais eficazes para tratar o TEA (Chicon, 2019).

A pesquisa é justificada pela necessidade de entender como os terapeutas podem aprimorar suas intervenções, auxiliando no avanço das terapias aplicadas ao autismo e capacitando profissionais cada vez mais aprimorados. A escolha de investigar o papel do psicólogo no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) se justifica pela crescente prevalência desse transtorno e pela complexidade das necessidades das crianças afetadas. À medida que mais famílias buscam apoio, é fundamental que os profissionais de saúde mental desenvolvam intervenções eficazes e adaptadas às particularidades de cada criança.

Além disso, a compreensão do impacto que a intervenção psicológica pode ter no desenvolvimento social, emocional e comportamental das crianças com TEA é crucial. Pesquisas anteriores indicam que abordagens terapêuticas bem estruturadas podem facilitar a comunicação, melhorar a interação social e promover habilidades adaptativas, contribuindo significativamente para a qualidade de vida das crianças e suas famílias.

Este estudo é útil para a sociedade em geral, pois ao melhorar as práticas terapêuticas, promove a inclusão e o respeito às diferenças.

Este artigo explora o papel multifacetado do psicoterapeuta no tratamento do TEA, examinando como intervenções baseadas na Análise do Comportamento Aplicada podem facilitar o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, promovendo habilidades de comunicação, comportamentos adaptativos e redução de comportamentos desafiadores.

Dessa forma este estudo tem por objetivo geral analisar o papel do psicólogo no tratamento de crianças autistas segundo a ciência da Análise do Comportamento Aplicada. ABA.

Os objetivos específicos são identificar as principais funções e responsabilidades do psicólogo no tratamento de crianças autistas sob a perspectiva da Análise do Comportamento Aplicada (ABA); explorar as técnicas baseadas em ABA utilizadas pelo psicólogo no desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais e adaptativas em crianças com autismo,

evidenciando as práticas mais eficazes e com respaldo científico; avaliar a importância da formação e especialização em ABA para psicólogos que trabalham com autismo, discutindo as competências necessárias e as diferenças entre profissionais com e sem essa especialização na eficácia dos tratamentos.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se a pesquisa descritiva, de natureza qualitativa e revisão bibliográfica. Os dados foram coletados através de livros e artigos disponíveis nas plataformas online.

2. Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, conforme descrito por Sampieri et al. (2013), com o objetivo de compreender e aprofundar o conhecimento sobre a temática abordada.

Para realizar a revisão da literatura, foram seguidas as seguintes etapas: 1) definição do problema e da temática, incluindo a formulação da pergunta central, a seleção de descritores e a definição dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos; 2) amostragem, que envolveu a seleção dos artigos relevantes; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos revisados; 4) avaliação dos trabalhos selecionados; 5) interpretação dos resultados encontrados; e 6) síntese do conhecimento evidenciado nos artigos analisados e apresentação da revisão integrativa (Rother, 2007; Mattos, 2015; Casarin et al., 2020; Rother, 2007; Mattos, 2015; Casarin et al., 2020).

Foram aplicados filtros nas buscas, considerando: data de publicação (2019 a 2024), idioma em português e tipo de literatura.

Os artigos coletados foram utilizados na construção dos resultados e na discussão deste estudo. Após a leitura completa e o fichamento dos artigos, foram selecionados para compor os resultados desta investigação.

Os estudos duplicados foram analisados e excluídos. Após a leitura dos artigos, foi realizada uma catalogação com uma ficha de catalogação contendo informações como: título, autores, periódico, país, idioma, ano de publicação, objetivos, metodologia e resultados da pesquisa.

Foram utilizadas fontes secundárias, consistindo em uma síntese de informações e dados previamente coletados e publicados em artigos de revistas eletrônicas. A coleta de dados para esta pesquisa se iniciou com uma consulta aos descritores em plataformas online, como Google Acadêmico.

3. Resultados e Discussão

Autismo é uma condição de desenvolvimento que se manifesta por meio de uma síndrome comportamental, refletindo disfunções na maturação neurológica e no funcionamento do sistema nervoso central, com causas frequentemente desconhecidas. Os critérios mais recentes para definir o autismo envolvem a presença simultânea de déficits no desenvolvimento social, na comunicação e na capacidade de imaginação, que se manifestam de formas diversas, mas interligadas (Viana, 2020).

Um consenso sobre a validade do autismo como uma estratégia diagnóstica, para clínicos e pesquisadores, foi possível pela convergência de dois sistemas de classificação diagnóstica: a quinta edição da Associação Psiquiátrica Americana (APA), do Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais (DSM-V; 2013) e a décima primeira edição da Organização Mundial de Saúde (WHO) da Classificação Internacional de Doenças (CID-11, 2019).

De acordo com o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e o CID (Classificação Internacional de Doenças), o autismo é classificado como um distúrbio. Ambos os manuais categorizam o autismo como parte dos distúrbios globais de desenvolvimento. No entanto, nas edições iniciais do CID, o autismo não era reconhecido. Na oitava edição, era tratado como uma forma de esquizofrenia, enquanto na nona edição passou a ser classificado como psicose infantil.

Somente na CID-10 (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), que fornece códigos e classificações para diversas condições de saúde, o autismo foi incluído nos transtornos globais do desenvolvimento, com o código CID-10 F84.0, que abrange o autismo infantil, a psicose infantil, a síndrome de Kanner (1943) e o transtorno autístico. Já o CID-10 F84.1 inclui a psicose infantil atípica e o retardo mental com características autísticas. No DSM-IV, o autismo é classificado como um transtorno invasivo do desenvolvimento, englobando o transtorno autista, o transtorno de Rett, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno de Asperger (APA, 2010).

Os critérios utilizados para o diagnóstico do autismo se baseiam nas pesquisas de Evangelho (2021), que defendem a importância dos prejuízos sociais severos, especialmente a ausência de reciprocidade social. Essas pesquisas demonstraram que tais dificuldades frequentemente coexistem com comprometimentos na comunicação e na imaginação, além de uma tendência para comportamentos repetitivos.

Existem casos de crianças que não atendem a todos os critérios para o diagnóstico de autismo infantil, mas apresentam distúrbios de desenvolvimento precoces, múltiplos e graves (De Paula, 2020). Essas crianças possuem um desenvolvimento atípico, que provavelmente reflete um conjunto de padrões patológicos que causam desarmonias e interferem na sincronização das capacidades maturacionais biologicamente programadas. Elas são classificadas como portadoras de Distúrbio Global do Desenvolvimento não especificado no DSM-IV e de Transtorno Invasivo do Desenvolvimento não especificado no CID-10 (APA, 2010).

Além disso, essas condições estão inseridas em categorias mais amplas, como a Síndrome de Rett e o Distúrbio Desintegrativo do Desenvolvimento, sendo consideradas algumas das condições psicopatológicas mais graves da infância. De forma geral, o autismo pode ser descrito em dois tipos: "autismo de baixo funcionamento" e "autismo de alto funcionamento", que se referem, respectivamente, a habilidades severamente comprometidas e habilidades menos comprometidas em indivíduos afetados. Segundo o estudo de Viana (2020), "A definição de autismo proposta por Kanner em 1943 ainda se mantém atual, com três núcleos principais de transtornos: a) dificuldades nas relações qualitativas; b) alterações na comunicação e na linguagem; e c) inflexibilidade mental e comportamental".

Dessa forma, conceituar o autismo é uma tarefa complexa, pois trata-se de um tema multifacetado, com diversas características. Uma abordagem frutífera para essa definição é investigar a origem da palavra "autismo" e, assim, buscar um conceito mais preciso.

Segundo Viana (2020), a palavra autismo tem origem no grego "autós", que significa "por si mesmo", e é utilizada no campo da psiquiatria para descrever comportamentos centrados no próprio indivíduo. Ao longo dos anos, diversos estudiosos se dedicaram a compreender e conceituar o autismo. No entanto, foi Leo Kanner, psiquiatra austríaco, que, na década de 1940, direcionou seus estudos para crianças com comportamentos peculiares, caracterizados por estereotípias.

Além de Kanner (1943), que foi pioneiro ao descrever as características do autismo em um grupo de crianças, outros pesquisadores, como Steffen (2019) e Steiner, também contribuíram significativamente para a compreensão do autismo, destacando pontos chave a partir de uma revisão extensa da literatura.

Tanto o CID-10 quanto o DSM-IV identificam três principais áreas de comprometimento nos indivíduos com autismo: "[...] alterações qualitativas nas interações sociais recíprocas; dificuldades na comunicação; e interesses e comportamentos restritos, estereotipados e repetitivos" (Evangelho, 2021). Conclui-se, assim, que Kanner (1943), o CID-10 e o DSM-IV concordam sobre os principais critérios comportamentais do autismo, como a ausência de comunicação, movimentos repetitivos e a falta de reciprocidade nas relações sociais. No entanto, Sousa (2019) destaca que o conceito de autismo é amplo e deve ser explorado de maneira abrangente, com avaliações detalhadas e aprofundadas para garantir um diagnóstico preciso. Nesse sentido, o diagnóstico precoce é fundamental para o desenvolvimento das habilidades e potenciais da criança.

Ademais, após o diagnóstico, é essencial iniciar o tratamento de forma precoce, com a participação de profissionais capacitados, a colaboração dos pais e uma abordagem multidisciplinar. Além disso, alguns medicamentos podem ser utilizados, quando necessário.

O tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige uma abordagem integrada e especializada, que envolve o trabalho de psicoterapeutas. A amplitude do trabalho terapêutico é crucial para otimizar os resultados. De acordo com Unicatolica (2020), o psicoterapeuta desempenha um papel fundamental nesse processo, adaptando suas técnicas às necessidades individuais da criança, dado que o TEA é caracterizado por uma grande diversidade de sintomas e variações.

A Análise Comportamental Aplicada (ABA), por exemplo, é uma técnica eficaz para o desenvolvimento de habilidades funcionais e a redução de comportamentos desafiadores, enquanto a terapia de integração sensorial pode ser útil para lidar com questões relacionadas à percepção sensorial. A terapia de jogo também é importante, principalmente para crianças mais novas, pois promove a comunicação e a expressão emocional (Steffen, 2019). Essas abordagens destacam a importância de uma avaliação abrangente e de um plano de tratamento personalizado (Sousa, 2024).

Outro aspecto crucial do trabalho do psicoterapeuta é a colaboração com a família. Pais e cuidadores desempenham um papel fundamental na implementação das estratégias terapêuticas e no suporte contínuo à criança. O psicoterapeuta deve orientar a família, ajudando-os a entender o TEA e a desenvolver estratégias eficazes para criar um ambiente que favoreça o desenvolvimento da criança (Steffen, 2019).

Além disso, a colaboração com outros profissionais de saúde, como pediatras, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, é vital para garantir um tratamento coordenado e abrangente. O trabalho em equipe permite abordar diversas necessidades da criança, criando um plano de tratamento integrado (Santos, 2019).

Embora o trabalho do psicoterapeuta seja essencial, existem desafios significativos no tratamento de crianças com TEA. A natureza complexa e variada do transtorno pode dificultar a formulação de diagnósticos precisos e a implementação de intervenções eficazes. Além disso, a falta de acesso a serviços especializados em algumas regiões pode afetar a continuidade e a qualidade do tratamento. Outro desafio é a necessidade de manter-se atualizado com as novas pesquisas e práticas, visto que o conhecimento sobre o TEA está em constante evolução (Longa, 2020).

As intervenções psicoterapêuticas podem ter um impacto profundo na vida das crianças com TEA e suas famílias. Melhorias na comunicação, habilidades sociais e comportamento adaptativo podem resultar em uma maior qualidade de vida e em uma integração mais bem-sucedida em ambientes educacionais e sociais. Além disso, o apoio emocional e as estratégias de manejo fornecidas ao longo do tratamento podem ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade tanto para a criança quanto para a família. A capacidade de ver progresso e sucesso nas terapias pode ser uma fonte de esperança e motivação para todos os envolvidos (Evangelho, 2021).

Ao trabalhar com crianças com TEA, o psicoterapeuta deve estar atento às considerações éticas, como o respeito pela autonomia da criança e a necessidade de abordagens culturalmente sensíveis. É importante garantir que as intervenções sejam adaptadas de forma a respeitar as individualidades e as preferências da criança e da família. Além disso, futuras pesquisas e desenvolvimentos na área do TEA podem oferecer novas perspectivas e técnicas para melhorar o tratamento. O avanço contínuo na ciência do comportamento e na neurociência pode trazer novas abordagens terapêuticas e melhores resultados para as crianças com TEA (Steffen, 2019).

O papel do psicoterapeuta no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista é complexo e multifacetado. Envolve não apenas a aplicação de técnicas terapêuticas adaptadas às necessidades individuais, mas também a colaboração com a família e outros profissionais para garantir um tratamento abrangente e eficaz. Apesar dos desafios e limitações, o impacto das intervenções psicoterapêuticas pode ser significativo, promovendo o desenvolvimento e a qualidade de vida das

crianças com TEA. À medida que a pesquisa avança e novas práticas emergem, o papel do psicoterapeuta continuará a evoluir, oferecendo novas oportunidades para apoiar e capacitar crianças com TEA e suas famílias (Chicon, 2019).

O tratamento das crianças com TEA por meio da ABA requer um olhar atento e uma compreensão aprofundada das particularidades de cada criança, incluindo suas habilidades, limitações e preferências. A personalização das intervenções é um dos pilares dessa abordagem, o que permite que o psicólogo ajuste as estratégias terapêuticas de acordo com o comportamento e o progresso de cada criança. Essa flexibilidade é essencial, pois o espectro autista engloba uma ampla gama de manifestações, e o que é eficaz para uma criança pode não ser para outra. Portanto, a capacidade do psicólogo de observar, ajustar e avaliar continuamente a eficácia das intervenções é um fator determinante para o sucesso do tratamento.

Além disso, um estudo desenvolvido por Oliveira et al. (2019), mostrou que o psicólogo que atua com crianças autistas deve estar preparado para trabalhar de forma colaborativa com outros profissionais, como terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, professores e familiares. A interdisciplinaridade no tratamento é um elemento que fortalece a abordagem, pois cria um ambiente mais amplo e integrado para a criança, o que facilita a generalização dos comportamentos aprendidos para diferentes contextos, como em casa, na escola e em outras interações sociais. A família, em particular, desempenha um papel fundamental, pois sua participação ativa nas terapias e no acompanhamento diário do progresso da criança contribui significativamente para o reforço dos comportamentos desejáveis fora do contexto terapêutico.

Rissi (2022), afirma que um aspecto importante na utilização da ABA é o foco no desenvolvimento de habilidades funcionais e sociais. A terapia não se limita à modificação de comportamentos inadequados, mas também envolve a construção de habilidades essenciais, como comunicação, interação social e adaptação a novas situações. No entanto, embora a ABA seja amplamente reconhecida pela sua eficácia, é importante reconhecer que essa abordagem não é uma solução única para todos os casos. Há questões éticas e práticas a serem consideradas, como o risco de tratamentos excessivamente rígidos ou que não respeitem a individualidade da criança. Por isso, a aplicação da ABA deve ser realizada de maneira cuidadosa, considerando sempre o bem-estar da criança e seu desenvolvimento integral.

Outro estudo, desenvolvido por Assis (2019), enfatiza que outro ponto relevante é a constante atualização dos profissionais que utilizam a ABA no tratamento de crianças com TEA. A pesquisa científica continua a evoluir, trazendo novas descobertas sobre o autismo e melhores práticas terapêuticas. Portanto, o psicólogo deve estar em constante formação, adaptando suas estratégias conforme os avanços da área. A educação continuada e a troca de experiências com outros profissionais são aspectos fundamentais para que o psicólogo possa oferecer o tratamento mais eficaz e atualizado.

Por fim, é importante destacar que, embora a Análise do Comportamento Aplicada tenha se mostrado eficaz para muitas crianças com TEA, a abordagem deve ser vista como parte de um conjunto de estratégias terapêuticas. A combinação com outras metodologias, como terapia de integração sensorial ou abordagens focadas no desenvolvimento da linguagem, pode potencializar os resultados. A atuação do psicólogo, portanto, deve ser flexível e adaptável, sempre com o objetivo de promover o melhor desenvolvimento possível para a criança, respeitando suas necessidades e seu ritmo de aprendizagem.

4. Considerações Finais

O tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige uma abordagem multidisciplinar, sendo o psicólogo uma figura central nesse processo terapêutico. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) se destaca como uma das intervenções mais eficazes para o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e comportamentais dessas crianças, tendo em vista sua ênfase na modificação de comportamentos e na promoção de aprendizagens adaptativas.

Os estudos revisados demonstram que, ao aplicar os princípios da ABA, os psicólogos conseguem criar intervenções individualizadas, que respeitam as necessidades e características específicas de cada criança com TEA. Essas intervenções não

apenas favorecem a redução de comportamentos problemáticos, mas também contribuem para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais e acadêmicas, que são essenciais para a adaptação ao ambiente escolar e à vida social.

É fundamental ressaltar que o trabalho do psicólogo, em conjunto com outros profissionais da saúde e da educação, é determinante para o sucesso do tratamento. A integração entre a família, a escola e os terapeutas proporcionam um ambiente mais favorável ao desenvolvimento da criança, facilitando a generalização dos comportamentos aprendidos e promovendo uma maior autonomia.

Entretanto, é importante destacar que, apesar da eficácia comprovada da ABA, o tratamento deve ser adaptado às particularidades de cada criança, considerando seu estágio de desenvolvimento e as suas preferências. Além disso, o envolvimento da família no processo terapêutico é crucial, pois fortalece o aprendizado da criança em diversos contextos da vida cotidiana.

A literatura revisada também aponta a necessidade de mais estudos que explorem a atuação do psicólogo nas diferentes fases do tratamento, além de investigar formas de otimizar a aplicação da ABA em contextos diversos, como em ambientes escolares e familiares. A contínua formação dos profissionais e o avanço da pesquisa científica são fundamentais para garantir que as abordagens terapêuticas permaneçam atualizadas e baseadas nas melhores evidências disponíveis.

Em suma, o papel do psicólogo no tratamento de crianças com TEA, por meio da Análise do Comportamento Aplicada, é fundamental para o sucesso terapêutico, sendo crucial para promover o desenvolvimento integral e a qualidade de vida dessas crianças. A parceria entre os profissionais de saúde, educação e a família é essencial para que as intervenções sejam eficazes e, assim, proporcionem um futuro mais inclusivo e com melhores perspectivas para essas crianças.

O tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige uma abordagem multidisciplinar, sendo o psicólogo uma figura central nesse processo terapêutico. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) se destaca como uma das intervenções mais eficazes para o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e comportamentais dessas crianças, tendo em vista sua ênfase na modificação de comportamentos e na promoção de aprendizagens adaptativas.

Os estudos revisados demonstram que, ao aplicar os princípios da ABA, os psicólogos conseguem criar intervenções individualizadas, que respeitam as necessidades e características específicas de cada criança com TEA. Essas intervenções não apenas favorecem a redução de comportamentos problemáticos, mas também contribuem para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais e acadêmicas, que são essenciais para a adaptação ao ambiente escolar e à vida social.

É fundamental ressaltar que o trabalho do psicólogo, em conjunto com outros profissionais da saúde e da educação, é determinante para o sucesso do tratamento. A integração entre a família, a escola e os terapeutas proporcionam um ambiente mais favorável ao desenvolvimento da criança, facilitando a generalização dos comportamentos aprendidos e promovendo uma maior autonomia.

Entretanto, é importante destacar que, apesar da eficácia comprovada da ABA, o tratamento deve ser adaptado às particularidades de cada criança, considerando seu estágio de desenvolvimento e as suas preferências. Além disso, o envolvimento da família no processo terapêutico é crucial, pois fortalece o aprendizado da criança em diversos contextos da vida cotidiana.

A literatura revisada também aponta a necessidade de mais estudos que explorem a atuação do psicólogo nas diferentes fases do tratamento, além de investigar formas de otimizar a aplicação da ABA em contextos diversos, como em ambientes escolares e familiares. A contínua formação dos profissionais e o avanço da pesquisa científica são fundamentais para garantir que as abordagens terapêuticas permaneçam atualizadas e baseadas nas melhores evidências disponíveis.

Em suma, o papel do psicólogo no tratamento de crianças com TEA, por meio da Análise do Comportamento Aplicada, é fundamental para o sucesso terapêutico, sendo crucial para promover o desenvolvimento integral e a qualidade de

vida dessas crianças. A parceria entre os profissionais de saúde, educação e a família é essencial para que as intervenções sejam eficazes e, assim, proporcionem um futuro mais inclusivo e com melhores perspectivas para essas crianças.

Referências

- American Psychiatric Association (APA). (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. (5. ed.). Editora Artmed, 2014
- Almeida, M. L. & Neves, A. S. (2020). A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia? *Psicologia: Ciência e profissão*, 40, e180896.
- Assis, J. P. G. & Castro Alves, V. V. (2021). O papel do psicólogo escolar no desenvolvimento educacional de crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Eletrônica da Estácio Recife*, 7(2).
- Casarin, S. T. et al. (2020). Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*.
- Chicon, J. F; et al. (2019). Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 41(2), 169-175.
- Drouet, R. C. R. (2010). Distúrbio da Aprendizagem: Série Educação. (3ª ed.). Ed. Ática.
- Evangelho, V. G. O. et al. Autismo no Brasil: uma revisão sobre estudos em neurogenética. *Revista Neurociências*, 29, 1-20, 2021.
- Longa, B. H. (s.d.). O diagnóstico precoce e a psicoterapia no autismo.
- Mahoney, W. J., Villacrusis, M., Sompolski, M., Iwanski, B., Charman, A., Hammond, C., & Abraham, G. (2021). Nursing care for pediatric patients with autism spectrum disorders: A cross-sectional survey of perceptions and strategies. *Journal for Specialists in Pediatric Nursing*, 26(4).
- Mattos, P. C. (2015). Tipos de revisão de literatura. Unesp, 1-9. Recuperado de <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>
- Oliveira, A. D. C., Pottker, C. A. (2019). Considerações sobre o canabidiol no processo psicoterapêutico de crianças com transtorno do espectro autista. *Uningá Review*, 34(4), 24-37, 2019.
- Rissi, R. S. (2022). Análise aplicada do comportamento e atendimento às crianças com transtorno do espectro autista.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paul. Enferm.* 20(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- Santos, K. K., Pinheiro, M. S. & Ramos, R. O. (2019). Psicoterapia fenomenologica humanista existencial no atendimento a crianças autistas: uma revisão de literatura. *Anais do COMCISA*, 9, 92-92.
- Souza, R. F. & De Paula Nunes, D. R. (2019). Transtornos do processamento sensorial no autismo: algumas considerações. *Revista Educação Especial*, 32, 1-17, 2019.
- Sousa, M. L. F. et al. (2024). Abordagens Terapêuticas no Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Atualizada. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 6(1), 139-152, 2024.
- Steffen, B. F. et al. (2019). Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. *Revista saúde multidisciplinar*, 6(2).
- UNICATÓLICA, Publicações Acadêmicas; Silva, M. K. A., Maia, A. H. N. (2023). A orientação sorbe a psicoterapia para pais com crianças com espectro autista. *Mostra de Psicologia e Mostra de Práticas Integrativas*, 15(29).
- Viana, A. C. V. et al. Autismo: uma revisão integrativa. *Saúde Dinâmica*, 2(3), 1-18, 2020.